SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

ÉRICA CUIMAR GURJÃO

MANIFESTAÇÕES DE RESISTÊNCIA RACIAL E SEXUAL NO ROMANCE BOM-CRIOULO DE ADOLFO CAMINHA

ABAETETUBA– PARÁ
ABRIL/2017

ÉRICA CUIMAR GURJÃO

MANIFESTAÇÕES DE RESISTÊNCIA RACIAL E SEXUAL NO ROMANCE BOM-CRIOULO DE ADOLFO CAMINHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará – Faculdade de Ciências da Linguagem – como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Ladyana dos Santos Lobato

ABAETETUBA – PARÁ
ABRIL/2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G978m Gurjão, Érica Cuimar.
Manifestações de resistência racial e sexual no romance Bom - Crioulo de Adolfo Caminha / Érica Cuimar Gurjão. — 2017.
42 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Ladyana dos Santos Lobato
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Raça. 2. Sexualidade. 3. Resistência. I. Título.

CDD 469

ÉRICA CUIMAR GURJÃO

MANIFESTAÇÃO DE RESISTÊNCIA RACIAL E SEXUAL NO ROMANCE BOM-CRIOULO DE ADOLFO CAMINHA

BANCA EXAMINADORA

Presidente (Orientadora):

_____

Profa. Ma. Ladyana dos Santos Lobato
Universidade Federal do Pará

Avaliador Interno:

_____

Profa. Dra. Deusa Maria de Sousa
Universidade Federal do Pará

Defesa em: 12/03/2017

Situação:

A Deus por me dar tudo que tenho, por ter me guiado até aqui, sob sua proteção e amor Divino.
À minha mãe Maria Ilete N. Cuimar, pelo amor incondicional, cuidado, proteção, por ser o exemplo de mulher, a qual sempre tomei como referência, tenho o maior orgulho do mundo em chamá-la de Mãe.
À minha avó Erentina da Silva Nobre, pelo amor, cuidado e dedicação, pelo exemplo de força e sabedoria que sempre foi para mim.
À minha orientadora, Profa. Ma. Ladyana Lobato, pela dedicação, paciência, e competência durante a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por seu amor incondicional, por ter me dado tudo o que tenho, e por ser tudo que sou, por ter chegado até aqui.

Agradeço a minha mãe Maria Ilete, pelo exemplo de mulher que ela foi em minha vida, sempre batalhando, sendo guerreira fazendo de um tudo, para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar, e ter tudo que ela não teve, e nos tornar pessoas dignas, com seu amor incondicional.

Agradeço a minha vó Erentina por ser minha segunda mãe, por me apoiar sempre, por cuidar de mim, pelo seu amor.

Agradeço ao meu pai Hildo, por ter me criado, pelo cuidado que sempre teve comigo, e mesmo que as vezes com seu jeito rígido, ter me ensinado o caminho certo.

Aos meus irmãos Edvan, Erick, e Elane, por sempre estarem comigo independentemente de qualquer coisa, por cuidarem de mim, agradeço por existirem.

Agradeço a minha tia Erenice por sempre me instigar a estudar, por me dar apoio e subsídio, pelo amor e carinho que sempre teve comigo.

As minhas amigas Dalila, Lariça e Marcelle, agradeço por estarmos juntas durante esses quatro anos, pela força que sempre me deram, conselhos, carinho, e o amor chamado amizade.

Agradeço a todos da minha família que me ajudaram direta ou indiretamente, me incentivando, dando apoio, e agradeço ao todos os meus amigos que sempre estão comigo me ajudando, dando carinho, conselhos palavras amigas, a minha turma de graduação, jamais os esquecerei.

Agradeço também a minha orientadora Profa. Me. Ladyana dos Santos Lobato, primeiramente pela confiança, em acreditar em mim, na capacidade de execução desse trabalho, agradeço pela sua paciência, disponibilidade, atenção, pelo seu carinho e ensinamentos.

Sou muito grata a todos vocês, do fundo do meu coração.

Pesa em teu sangue a voz de
ignoradas origens.
As florestas guardaram na sobra o
segredo da tua história.
A tua primeira inscrição em baixo
relevo foi chicotada no lombo.

Um dia atiraram-te no bojo de um
navio negreiro
E durante noites longas e longas
vieste ouvindo o barulho do
mar
Como um soluço dentro do porão
soturno.

O mar era teu irmão de raça.
[...]
Raul Boop (1898-1984).

RESUMO

O presente trabalho investiga as manifestações de resistência racial e sexual no romance Bom-crioulo de Adolfo Caminha. Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois faz um mapeamento dos dados e autores relevantes para esse trabalho. A pesquisa possui como embasamento principal, os conceitos sobre resistência, dos teóricos Alfredo Bosi (2002), Federico Lorenz (2012) e outros autores conceituados que tratam desse assunto. Realizou-se ainda um apanhado sobre as relações de raça e sexualidade na literatura brasileira, para saber se a obra em questão traz algum nível de representatividade, tanto para o negro, que no século XIX não era comum a presença de personagens negros na literatura; como para o homossexual, que era muito criticado e julgado nesse período. Verificando de que maneira se manifesta essa representação na obra, sempre lembrando que ambas as temáticas demoraram em ganhar espaço na literatura nacional, mostrando, assim, de que forma o autor às retratou neste romance.

Palavras-Chave: Raça. Sexualidade. Resistência.

RESUMEN

Este estudio investiga las manifestaciones de resistencia racial y sexual en la novela Good-criolla Adolfo Caminha, analizando cómo estas manifestaciones se presentan en el trabajo. Este estudio trata de una búsqueda en la literatura, se hace un mapeo de datos y autores relevantes para este trabajo. Esta investigación tiene como fundamento principal, los conceptos de resistencia, el teórico Alfredo Bosi (2002), Federico Lorenz (2012) y otros autores de renombre que se ocupan de este asunto. Se llevó a cabo también una visión general sobre la relación de la raza y la sexualidad en la literatura brasileña para ver si la obra en cuestión trae un cierto nivel de representación, tanto para el negro, que en el siglo XIX no era común tener caracteres negros en la literatura; En cuanto a los homosexuales, que fue muy criticada y juzgada en este periodo. Comprobando cómo esta representación se manifiesta en la obra, recordando siempre que ambas cuestiones eran lentos en ganando terreno en la literatura nacional, lo que demuestra que el autor retrata a formar en esta novela.

Palabras clave: Raza. La sexualidad. Resistencia;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA 13

2 NOÇÕES TEÓRICAS SOBRE RESISTÊNCIA, RAÇA E SEXUALIDADE 18

2.1 NARRATIVA DE RESISTÊNCIA 18

2.2 RAÇA E SEXUALIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA 22

3 RESISTÊNCIA RACIAL E SEXUAL NO ROMANCE BOM-CRIOULO 27

CONSIDERAÇÕES FINAIS 38

REFERÊNCIAS 39

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar as manifestações de resistência racial e sexual no romance *Bom-crioulo*, pois a partir de pesquisas sobre a obra, foi constatado que não há um estudo sobre a resistência do romance, assim será averiguado como a resistência na obra pode ser constatada, diante da postura de *Amaro*, em relação à forma de enfrentar e quebrar padrões impostos a ele pela sociedade, de tal modo, buscando tanto sua liberdade, como melhores condições de vida, sem se importar com os obstáculos que terá de enfrentar para conseguir isso. Além disso, verifica-se qual a representação do personagem negro na obra *Bom-crioulo*, no século que aconteceu a abolição da escravatura, pois não era comum em obras do século XIX a presença de personagens negros, principalmente tendo um papel de destaque, em um século marcado pela luta abolicionista, sendo que *Amaro* é mostrado como forma de resistência, já que foge da escravidão em busca da sua liberdade. E qual a relação de representatividade da homossexualidade, já que a mesma era tão julgada e condenada neste período.

Esse estudo foi considerado necessário, pois, a partir de pesquisas bibliográficas, foi possível constatar que não há estudos suficientes sobre o tema relacionado a obra em questão, principalmente diante da verificação de resistência do livro. Sendo assim é uma pesquisa de suma importância para contribuição tanto para os estudos de resistência na literatura, quanto para dar enfoque as temáticas raça e sexualidade, que até os dias de hoje são estigmatizadas e tratadas como tabus na sociedade.

Dentro desta pesquisa, será descrita qual a representatividade do negro em uma obra do século XIX, no mesmo período da abolição da escravatura, que foi um grande movimento social de resistência das classes inferiorizadas e de seus aliados lutando contra a hierarquia social que vigorava desde os primórdios do Brasil colônia, e será estudada qual relação entre a homossexualidade de *Amaro* na obra como forma de resistência, já que nesse período se deu o estudo científico da homossexualidade, século XIX, analisando desta forma como a sexualidade de *Amaro* se sobressai diante dos estudos sobre a sexualidade que vigoravam na época e analisar o porquê da sua homossexualidade ser tratada de maneira velada entre os personagens na obra, sendo que para a realidade do século XIX, a condição do homossexual era inaceitável, em alguns casos chegavam a puni-los, caso houve-se reincidência na prática.

Durante as pesquisas, foram encontrados trabalhos que tratam de raça e sexualidade em *Bom- crioulo*, no entanto, um apontando para como se dá a construção raça e a sexualidade transgressiva, a partir da análise da tragédia clássica e as teorias científicas contemporâneas sobre a degeneração, a homossexualidade e a miscigenação racial (HOWES, 2005); e outro verifica a relação da homossexualidade do negro como uma questão cultural (QUEIROZ, 2012).

Nesta pesquisa, foram consultados artigos que falam de literatura como forma de resistência e/ou que analisam resistência em obras literárias (contos e romances), todos esses artigos têm como teórico base Alfredo Bosi(1996 e 2002), por tratar a resistência não apenas como a tensão dentro da obra, mas como uma escrita de resistência, dentro da temática, dos personagens, entre outros, e partindo dessa consideração, será analisado se realmente essa obra possui manifestações de resistência racial e sexual, se for comprovada essa existência, vão ser descritas como se dão essas manifestações em relação ao personagem, e como estas podem ser relacionadas a partir dos momentos históricos mencionados acima.

O trabalho em questão, trata-se de uma pesquisa exploratória, que será realizada com o uso do método bibliográfico, buscando assim construir informações pertinentes para a elaboração de respostas em relações as manifestações de raça e sexualidade do personagem *Amaro* na obra *Bom-Crioulo*, pertencente a literatura do século XIX, e solucionar possíveis questionamentos que venham a surgir ao longo desta pesquisa.

Para a realização desse estudo serão utilizadas leituras sobre crítica literária, reflexões e análises sobre resistência, raça, racismo, sexualidade e homoerotismo na literatura, serão utilizados artigos e revistas científicas publicados na internet que tratam destes assuntos e, a partir de algumas dessas leituras, foram escolhidos os autores base desta pesquisa por serem considerados relevantes para tratar do tema abordado, já que seus trabalhos embasaram a maioria dos artigos que vão servir de referencial teórico para essa investigação.

Neste trabalho, será feito estudos de como ocorrem essas manifestações de resistência e se de alguma maneira elas se relacionam com a representação do negro e do homossexual na literatura. Para isso, utilizaremos como referencial teórico, os estudos de Alfredo Bosi (2002), por suas considerações acerca da resistência na escrita, e autores como: Lorenz (2012), Tânia Sarmento-Pantoja (2010), e Carlos Augusto Sarmento-Pantoja (2014), Leite; André (1986), que também tratam sobre o tema. Para falar sobre a questão

racial utilizamos como fonte de pesquisa autores como: Santos e Wielewiecki (2009), Filho (2004), Duarte (2013), que discorrem em seus textos, sobre o preconceito contra o negro na literatura, a escravidão e a luta contra a mesma, portanto, e partindo da visão desses autores será feito um contraponto entre a realidade do século XIX e a obra, analisando como a resistência do negro no livro se relaciona com o período vivenciado por seu povo. E para abordar a sexualidade novamente tem-se as contribuições de Santos e Wielewiecki (2003), e Silva (2014) discutindo a temática homoerótica na literatura.

Abordamos ainda como se retrata a sexualidade no romance desde a fase de negação por parte de Amaro, até a entrega total aos seus desejos, sem medo de ser condenado perante a sociedade, dentro obra. Sendo que a homossexualidade era totalmente condenável e sua prática era atribuída aos negros e a todos aqueles considerados inferiores à burguesia. Colocando mais uma vez o negro ocupando um papel, de desvalorização por práticas inaceitáveis, em uma sociedade patriarcal, onde o negro e as classes inferiorizadas vinham “denegrir” a moral e os bons costumes pregados pela burguesia.

No primeiro capítulo será tratado da apresentação do objeto de estudo, onde será descrita a biografia do autor, suas publicações, o período histórico e político o qual ele escrevia e o que esses períodos influenciavam seus textos. Além disso, é feito o resumo da obra e a descrição da narrativa, exemplificando detalhadamente sobre o narrador, tempo, espaço, personagens, far-se-á também um leve apanhado do naturalismo, e como e porque ele se atrela ao realismo na obra e explicando como o determinismo influenciará o destino dos personagens.

No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico desta pesquisa, constituídos por conceitos de resistência, tanto na esfera ética, quanto na estética. O que os autores consideram a resistência na literatura e como esta pode ser percebida no texto. Tratara-se ainda sobre o negro e o homoerotismo na literatura, como essas temáticas são abordadas nas obras.

No terceiro capítulo, é feita a análise da obra, a partir das leituras e constatações sobre resistência, raça e sexualidade, tidas mediante os autores que embasaram esta pesquisa, e de acordo com o que foi compreendido.

Tem se em vista que ao decorrer desse estudo seja possível comprovar todos os objetivos e indagações que esta pesquisa propõe, a fim de contribuir cientificamente para o conhecimento e expansão dos estudos acerca da obra. Visando assim, contribuir com

possíveis respostas, para as inquisições supostas por esse estudo, e as que venham a surgir ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Neste primeiro capítulo temos o intuito de verificar alguns fatos, históricos, políticos e sociais, que possam ter contribuído para as manifestações de resistência racial e sexual no romance *Bom-Crioulo* e a escrita de Caminha; juntamente com a descrição e produção da obra, para que mais adiante seja verificado o que influenciou a resistência no romance, que está sendo analisado neste estudo.

O cearense Adolfo Caminha, nascido em 1867, em Aracati, no estado do Ceará, foi um dos principais escritores do Naturalismo no Brasil, teve vários sucessos no campo literário, no entanto, o que teve maior destaque foi seu romance Bom-Crioulo, o qual teve grande rejeição pelos críticos no período de sua publicação. Aos 16 anos de idade ingressou na escola da Marinha do Brasil, no ano de 1883, três anos depois publicou seus primeiros "Vôos incertos" livro de poemas. Em 1887 foi promovido a tenente da Marinha, e publicou as obras "Judite" e "Lágrimas de um Crente", escritas em formato de contos.

No ano de 1888, ele volta à Fortaleza, onde se envolve em um escândalo amoroso com a esposa de um dos seus oficiais, e se vê obrigado a se demitir da carreira, volta ao Rio de Janeiro agora com sua esposa e com duas filhas, e começa a trabalhar como funcionário público, e em 1891 funda a revista Moderna em Fortaleza, além de dar contribuições ao Jornal "O Norte". O seu primeiro romance foi lançado no ano de 1893, "A normalista", e colaborou com os jornais "A gaveta de notícias" e "O País". Em 1894 publicou seu livro de viagem "O País dos Ianques", e em 1895 uma coletânea que reúne vários de seus artigos de críticas literárias chamada "Cartas literárias", e o seu segundo romance "Bom-Crioulo". Seu último romance "A tentação" escrito em 1896, porém publicado postumamente, ainda em 1896 fundou sua revista, e após dificuldades econômicas e agravantes de sua doença, tuberculose, morre precocemente aos 29 anos.

Caminha, desde o início de sua carreira como autor, sempre possuiu uma escrita polêmica, assim como sua posição como homem, autor, editor e crítico, perante a sociedade da sua época, voltando suas tessituras para fatos que quase sempre a sociedade buscava esconder, e como ele era adepto das escolas realismo e naturalismo, mostrava fatos políticos e sociais da maneira mais realista e crua possível, causando choque de realidade em seus leitores. Assim como outros autores da área das letras, foi envolvido em movimentos políticos, e construiu algumas de suas obras em períodos marcantes da história do Brasil, como a Proclamação da República (1889), e Abolição da escravatura

(1888) movimentos retratados em suas obras literárias. Usava-os para talvez para provocar a criticidade do leitor, pode-se ver incitação à Proclamação República em seu romance *A normalista,* onde Caminha retrata a sociedade de maneira realista e impiedosa, mostrando todas as suas mazelas e crueldades, e até mesmo retratando algumas pessoas com quem tinha desavenças.

> […] também, grande foi a participação dos homens de letras em dois momentos históricos políticos no Brasil do final do século XIX: a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Adolfo Caminha foi um deles. Sobretudo no caso da Proclamação da República, que ele fez parecer em um de seus livros de ficção e viagem aos Estados Unidos. Em A normalista, a cena final do romance é a chegada ao Ceará, das primeiras notícias do golpe militar contra a monarquia e o início da República […] (BEZERRA, 2009. p. 137 - 138).

Pronunciou-se em relação ao castigo da chibata, (castigo ao qual eram submetidos marinheiros que cometiam algo que não era aprovado a bordo), observa-se em *Bom-Crioulo*, obra que vai ser analisada mais adiante. [1]

> A referência ao castigo da chibata, no entanto, foi feita também em seu romance *Bom Crioulo*, de 1895, portanto dez anos apoio aquele primeiro posicionamento, uma vez que parte considerável do seu romance se passa em ambiente da Marinha[...] Há nesse ponto uma relação entre texto reivindicativo e a ficção. Se Adolfo Caminha não pôde fazer nas Páginas de jornal, uma vez que ainda estava submetido à hierarquia e a disciplina militares, ele o fez nas páginas de seu romance, escrito quando já estava fora da Marinha". (BEZERRA, 2009. p.143).

A obra *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha é uma obra naturalista, com algumas características do realismo, as quais são as escolas literárias em que o autor transitava, esse atrelamento ocorre dentro da obra, pois os destinos dos personagens são definidos por fatores sociais, decadências e mazelas que os personagens vivem na trajetória da trama. Onde o: "Realismo se tingirá ao naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem ao destino cego das "leis naturais" que a ciência da época julga ter codificado; […]". (BOSI, SD, pág. 187).

O cunho determinista[2], presente em ambas as escolas literárias também permeará a obra, mostrando o homem vivendo em um ambiente desprezível e miserável, este recurso

[1] Biografia do autor. Fonte: BEZERRA (2017); MENDES (2017).

era muito usado no naturalismo, pois a partir daí era possível chegar em vários cenários dentro do romance, podendo assim, abranger os campos de interesse do autor, que estavam ligados a época e sociedade em que se vivia.

Este romance foi escrito e publicado no século XIX, ano de 1885, possuindo doze capítulos. Não se assemelha a outros da época, pelo contrário era o oposto, "O romance naturalista brasileiro está intimamente ligado a esse desmanche confuso. Dele participou ativamente e dele se beneficiou para explorar terrenos até em tão interditados no romance brasileiro". (MENDES, 2008). Sua publicação foi um escândalo por tratar de um tema tão polêmico, a homossexualidade em alto-mar, por parte dos marinheiros, e tendo um negro protagonizando um romance inter-racial, numa época que o negro não tinha voz na literatura, e muito mesmo em meio social. A obra foi bastante polêmica, considerada até mesmo imoral, sendo recriminada de forma negativa por vários críticos literários.

O romance Bom-Crioulo, conta a história de Amaro, negro e escravo, que após não aguentar mais a vida miserável a que era submetido na "fazenda" em que trabalhava resolve fugir. Após a fuga ingressa na Marinha e é aceito por seu porte físico avantajado e forte. Na Marinha é conhecido pelos outros marinheiros por ser obediente e trabalhador, por isso ganha o apelido de Bom-crioulo, no entanto, quando bebe seu temperamento muda por completo, de amigável passa a ser violento, fora de si.

Nunca teve mulher que cativasse seu amor. Em certo dia, durante uma de suas viagens junto à tripulação, conheceu Aleixo, um grumete[3] que embarcou pelas bandas do Sul, jovem, baixo, aloirado, olhos azuis, de quinze anos, que acabou por despertar um sentimento até então desconhecido pelo negro. Com o passar do tempo Amaro e Aleixo criaram uma grande amizade, a qual ia sendo alimentada por Bom-crioulo com cuidados e presentes em relação ao rapaz. Até que um dia Amaro investi mais além, agindo conforme os desejos da carne, seduz Aleixo, que após resistir a princípio, se entrega. E a partir de então passam a se relacionar, indo muito além da amizade.

Amaro com intuito de consolidar sua relação com o jovem e também realizar seus desejos mais profundos, decidi alugar um quarto, para ambos ficarem mais à vontade quando estiverem em terra firme. Alugam um quarto na pensão de Dona Carolina, mulher

---

[2] Determinismo: São recursos que os autores usam para conduzir seus personagens em suas obras, com pretensões sombrias ao destino de seus personagens. (BOSI, SD, p. 192).

[3] Grumete: Marinheiro em menor grau dentro da Marinha. (HOUAISS, 2004, p.378).

robusta, cheia de curvas, bem vivida, que sempre foi muito namoradeira, já tendo vivido do melhor e do pior até então.

Dona Carolina se interessa por Aleixo e mesmo percebendo a relação dele e de Amaro, resolve conquistar o garoto como um de seus caprichos e o rapaz acaba se envolvendo, se entregando assim a uma paixão pela mulher. Enquanto Amaro está no navio pensando em seu amado que não dava notícias, decidiu ir atrás dele. Ao chegar em terra firme, Bom-crioulo descobre a traição de ambos e se descontrola. Em um momento de fúria vai em busca de vingança, ao encontrar Aleixo na rua, mata-o, e vai embora, deixando o corpo desfalecido, se perde em meio a uma multidão que observa de forma banal, sem ao menos notar a presença do negro.

O narrador desta obra é heterodiegético[4], pois mesmo que em nenhum momento ele apareça como personagem no romance, sabe de tudo que acontece de forma detalhada, até mesmo quando se trata do que há de mais íntimo nos personagens. A história se passa no mesmo período em que se foi escrita e publicada, o século XIX. Com uma perspectiva de tempo cronológico, ou seja, o desenvolvimento dos fatos ocorre de maneira linear, do princípio ao fim, apenas com leves retomadas ao passado, para fazer a descrição dos personagens.

O romance se passa basicamente em dois ambientes principais, o primeiro onde há o primeiro contato com a tensão da narrativa que é em alto-mar, mais precisamente a bordo do navio da Marinha. O segundo ambiente é um quarto insalubre localizado em um bairro pobre no Rio de Janeiro, onde acontece o desenvolvimento da história.

Bom-Crioulo é protagonista da obra, personagem primário, de formas redondas[5], pois ao decorrer da obra são exaltados seus sentimentos e desejos mais profundos e suas características físicas e psicológicas.

Como se vê a partir da descrição de suas características, tem trinta anos, que após não aceitar mais as condições a que era submetido na fazenda como escravo foge ainda jovem aos dezoito anos e ingressa na Marinha, onde de certa forma passa por outra forma de escravidão, porém dessa vez remunerada, e com “direito” de ir e vir, se for obediente ao

---

[4] Narrador heterodiegético: E aquele que sabe de todos os acontecimentos da narrativa, mas não é personagem da história. (REIS e LOPES, 1987).

[5] Personagens com formas redondas: Possuem maior nível de profundidade, e características. (MOISÉS, 1991, p.230).

regime militar, nunca conseguiu se interessar afetivamente por uma mulher, quando se apaixona é por um homem, um grumete, e isso a priori lhe deixa perturbado, no entanto, pretende ir mais a fundo, a fim de satisfazer seus desejos reprimidos, levando-os até as últimas consequências.

Aleixo personagem secundário, com formas redondas, pois na obra constam duas metamorfoses do seu personagem, que de frágil e passivo, em sua relação com Amaro, passa a ser forte e viril ao relacionar-se com Dona Carolina. Morava no sul do Brasil, pela situação de pobreza que passava em sua família, com aproximadamente 15 anos ingressa na Marinha como grumete, se depara com Amaro, que logo a princípio lhe causa estranhamento, porém com o decorrer do tempo se tornam amigos, e dessa amizade um romance, que ele deixa se envolver, talvez por não ter até então nenhuma experiência afetiva e sexual. No entanto, com o passar do tempo se arrepende de suas escolhas, porém pelo comodismo e mordomias que o negro lhe proporciona, continua com ele, sendo submisso aos seus desejos, o que lhe causa muito desgosto. Ao ser seduzido por dona Carolina se envolve em uma ardente paixão, e se deixa levar por ela.

D. Carolina é antagonista, personagem primária na obra, com formas redondas, se destaca por sua vida intensa mediante as suas relações amorosas. Portuguesa, mulher vivida, gorda e de certa idade, aproximadamente uns quarenta anos, alugava quartos na rua da misericórdia para rapazes. Vivia com a renda que seus aluguéis lhe proporcionavam, tinha seu homem, porém tinha sua independência, pois em homens não confiava. Quando fora na juventude abriu uma casa, na qual ganhou bastante dinheiro, era conhecida como Carola Bunda por suas curvas rechonchudas. Porém ficou doente quando feridas lhe apareceram, achou que fosse morrer, mas não morreu, no entanto, os homens não lhe procurava mais, após esse período entrou no teatro e acabou recebendo convite para sair como Vênus em um carro alegórico no carnaval foi um escândalo, porém conseguiu algum dinheiro e muitos aplausos. Amigou-se duas vezes, ficou novamente doente, e foi para Portugal, e após sua melhora volta ao Brasil, onde se amigou novamente com o açougueiro.

Após, essa breve síntese sobre o autor, contexto de produção e obra compreende-se que há vários aspectos que podem ajudar a responder os objetivos e indagações desta pesquisa, visto que o meio social causa influências dentro da narrativa, na vida dos personagens, o mesmo pode acontecer durante o contexto de produção da narrativa.

Capítulo II: NOÇÕES DE RESISTÊNCIA, RAÇA E SEXUALIDADE

2.1. Narrativa de Resistência

Desde a origem do termo *Resistir,* seu conceito está associado para a força de luta, já que estava ligado essencialmente aos grupos militares, cujos não se davam por vencidos em suas batalhas durante as guerras, mesmo que seus oponentes tivessem maior poder, eles resistiam, pois era uma grande vergonha desistir, ou seja, era melhor a glória pós-morte, por ter resistido, do que vida vergonhosa por ter abandonado seu exército. De acordo com Lorenz (2012):

> Resistir desde sua etimologia, remete às virtudes militares. Uma de suas acepções é "manter-se firme". Desse modo, por exemplo, os hoplitas espartanos concebiam o valor: a coragem não estava nas ações individuais, mas sim em permanecer nas ações de falange, na linha de que unia um destino de um cidadão aos de seus companheiros[...]" (LORENZ, 2012, p.12, tradução por ALMEIDA)

Então, criou-se a concepção que os fracos (no entanto, unidos pela força de luta) vão se opor a opressão sofrida pelo dominador, o forte (quem tem o monopólio do poder) a fim de clamar por uma justiça almejada por eles, em busca de um bem comum. "A épica da resistência se constrói, também, na noção de enfrentamento do forte contra o fraco, e da justiça contra a injustiça[...]" (LORENZ, 2012, p. 13, tradução por ALMEIDA). Com isso, desde o princípio o conceito de resistência foi a percepção de luta em favor dos ideais de um povo, contra seus opressores.

Quando se ouve o termo resistência já nos vem à mente algo como: enfrentar, confrontar, algo ou alguém de forma firme, sem desistir. Segundo Bosi (2002) esse conceito vai do campo ético ao estético, vindo do interior do ser a partir da sua força de vontade: "Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo pela para a força de vontade que resiste a outra vontade exterior do sujeito. Resistir é opor a força própria a própria força alheia. […]" (BOSI, 2002, p. 118).

E no que se diz respeito à literatura de resistência, o que esse enunciado nos remete? Se formos associar ao contexto relatado anteriormente, se entenderá que a literatura resistente, é a escrita de oposição a antivalores, que vão contra as ideias e ideais dos autores, e que buscam assim expor suas opiniões, ou incitar um pensamento crítico do leitor através da escrita resistente.

Dentro da esfera romanesca, o autor tem liberdade para criar sua obra de acordo com o que ele almeja transmitir ao leitor, ou seja, não precisa necessariamente se prender a fatos que já passaram em algum momento histórico, mas sim, explorar aquilo que lhe é conveniente. Para Bosi (2002):

> O narrador cria *segundo seu desejo*, representações do bem, representações do mal ou abivalentes. Graças a exploração do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio. Dá-se assim uma subjetivação intensa do fenômeno ético da resistência […] (BOSI, 2002, p, 120 a 121).

Trazendo então à tona a resistência dentro da obra através de uma mescla entre o fantástico e o real. Então o autor cria sua personagem com características de identidade que representem a obra, como afirma Bosi: "A partir do momento em que o romancista molda a personagem, dando-lhe aquele tanto de caráter que lhe confere alguma identidade no interior da trama, todo o esforço da escrita se voltará para conquistar a verdade da expressão. […]." (BOSI, 2002, p. 122).

No que se diz respeito à concepção de valores dentro da escrita literária, esse valor vai além da ficção, para o meio social, partindo de conceitos de realidade absolvidos pelo escritor, causando assim a "dispersão e diferenciação dos papéis sociais" (BOSI,2002, p. 125), onde o autor designa suas próprias considerações sobre o meio social o qual está cercado, e de que maneira ele retratará seu ponto de vista dentro de suas tessituras, já que o escritor é movido por valores e antivalores.

> […] o artista da palavra pode desenvolver, solitária e independente, a sua resistência aos antivalores do meio. Será o "coração oposto ao mundo" do poeta.
> Aclarar a diferença entre tempos de aceleração de luta social e tempos lentos e difusos de aparente estagnação política ajuda-nos a compreender a distinção entre resistência como tema da narrativa e resistência como um processo constituído de uma certa escrita. (BOSI, 2002, p. 124).

A resistência dentro da narrativa literária pode se dar sob duas perspectivas, tanto como tema quanto imanente na escrita, os quais, respectivamente, uma estará envolta em obras com temáticas sobre fatos históricos e políticos e a outra como tensão no ponto norteador da obra. Porém, ambas podem ser definidas como uma "mentalidade

antiburguesa gerada dialeticamente com um *não* lançado à ideologia dominante". (BOSI, 2002, p. 128).

Durante esse estudo ver-se-á a resistência imanente na escrita dentro da narrativa, onde:

> A escrita resistente (aquela operação que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a *priori* ético, um sentimento de bem e do mal, uma intuição de verdadeiro e falso que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominante. (BOSI, 2002, p. 130).

Dentro dessas tessituras o que vem a ser o ápice é o ponto de tensão que ocorre após o entrelaçamento do fantástico com o real, a partir de um dos elementos da narrativa que entra em conflito com alguma situação do mundo.

> Recorro a um conceito que subjaz na própria idéia de resistência, o conceito de tensão[...]
> Chega um momento que a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso[...] (BOSI, 2002, p. 130).

A partir da forma de mostrar o cotidiano de maneira explícita, realista, causando um choque de realidade, já que geralmente os romances eram idealizados e não expunham a sociedade, diferente da escrita imanente que fará o oposto. "A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra sem retórica nem alarde ideológico, que essa 'vida como ela é' é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente contrário à vida plena e digna". (BOSI, 2002, p.131).

Essa escrita não trata apenas do passado, mas de algo contínuo, que foi oculto por ser considerado inaceitável perante o meio social, numa sociedade coberta de pudores, mostrando assim os verdadeiros valores. Conforme Bosi (2002):

> A escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma vez no passado distante e que, não raro, foi ouvido por uma única testemunha, [...].
> Também o que é calado no curso da conversação banal, por medo, angústia ou pudor, soará o monólogo narrativo, no diálogo dramático e mais sofridos que abrem caminho e conseguem aflorar à superfície do texto ficcional. (BOSI, 2002, p. 135).

No que concerne literatura resistente, outros autores também compactuam com os pensamentos de Bosi, acerca do assunto, de como a resistência têm influência diante da

compreensão do mundo perante a visão do homem, como diz Augusto Sarmento-Pantoja (2014):

> No caso da resistência, ela se opera diante da percepção desse homem sobre a condição humana, indo de encontro a alienação apresentada no conceito de espetáculo por Debord, pois, já imiscui o homem de uma espécie de autoanulação na medida em que o horizonte sensível do corpo explorado não desenvolve a capacidade de refletir sobre seu poder produtivo, o que acentua a edificação de classes constituída pela cisão entre realidade e imagem, mas que a percepção do horizonte plural da realidade faz com que o homem passe a se opor à alienação de seu corpo e sua mente.(SARMENTO-PANTOJA,2014, p. 16).

Assim, como Bosi (2002), Tânia Sarmento-Pantoja trata a resistência com um enlace crítico, pois a narrativa mostrará perante o público o que a sociedade tenta esconder dentro do meio social, em outras palavras, mostrando o que vem sendo mascarado, as mazelas e imoralidades do âmbito social, a fim de prezar pela moral e bons costumes, mas diante da narrativa resistência o que há de obscuro acaba sendo revelado de maneira impactante, não levantando apenas uma discussão sobre o assunto na narrativa, mas sim acaba por fazer parte da construção da mesma, assemelhando-se o máximo possível do contexto real. Tânia Sarmento-Pantoja (2010) afirma que:

> Um outro aspecto importante no diagnóstico da narrativa de resistência como forma imanente na escrita: a obra deve se apropriar dos aspectos críticos, ou seja, não deve apenas ser um espaço de discussão oriundo [...] mas os próprios procedimentos da discussão são apropriados pela obra, como composição e como processo, tende a se apropriar do modelo de realidade […] (SARMENTO-PANTOJA. 2010, p. 51).

A partir desse posicionamento crítico e revelador da obra sobre a sociedade, irão ser deflorados os tabus morais, políticos e sociais, que afetam a sociedade dentro da narrativa, a qual a resistência será voltada para realidade em torno da obra, e todo seu contexto ao redor, buscando assim romper com a relação de opressor e oprimido.

> Assim, a resistência nasce de um processo dialético, pois é um produto de contradições que de certa maneira se completam. A razão que de certa maneira se completam. A razão que move o sujeito resistente é a fratura: a necessária recusa ou rompimento com uma dada situação aversiva ou opressiva. Considerando esse aspecto, a resistência se relaciona quase obrigatoriamente com a utopia e a experiência. Com a experiência dos aspectos oriundos do real ou da história. […] (SARMENTO-PANTOJA, p. 53).

Leite e André (1986), do mesmo modo apresentam contribuições muitos proveitosas sobre os conceitos de resistência que foram vistos anteriormente, para ambos a resistência é entendida como uma prática a qual o subordinado agirá de forma a impedir as ações do dominador, e postulam que a resistência só se manifestará a partir de vivências conflituosas no meio social. Afirmam em:

> A resistência é entendida como um conjunto de prática exercidas por grupos subordinados que se expressam sob a forma de oposição, numa tentativa de barrar a dominação, de não perder sua identidade e seus costumes. São os comportamentos contraditórios e ambíguos e as situações conflituosas presentes na realidade social que permitem que a tal resistência apareça. A resistência implica em negação, reinvenção, rejeição, podendo ser decorrente de comportamentos conscientes e inconscientes. (LEITE; ANDRÉ, 1986, p. 45).

Essas considerações acerca da resistência trazem suas proposições baseadas em relações conflituosa entre opressores e oprimidos, já que a mesma só se manifesta a partir de um conflito existente e a não aceitação do mesmo por parte do oprimido, ocasionando assim a resistência.

2.2. Raça e Sexualidade na Literatura Brasileira

No decorrer dos séculos as diferenças raciais e sexuais são emblemáticas figuras no cenário social, que acabam sendo marginalizadas, e sofrendo retaliações por serem “diferentes”, ao que é “aceitável” diante de um padrão de aceitação dentro da sociedade. Essa exclusão social, acaba por causar revolta nas minorias excluídas, que muitas vezes passam a agir como força de resistência contra a opressão social, em busca dos seus direitos.

Na literatura essa exclusão das minorias não é diferente, ela é válida tanto para os negros, homossexuais, quanto para outros grupos considerados diferentes, por uma hierarquia social e literária cheia de preconceitos e estigmatizações. Segundo Duarte (2013):

> No arquivo da literatura brasileira construído pelos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se rarefeita e opaca, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e presente na memória dos leitores. (DUARTE, 2013, p. 146).

Desde o início da literatura brasileira o negro não possuía espaço, nem como autor, nem como personagem, já começou a aparecer em algumas obras no século XIX, e mesmo assim, ou sendo descrito por autores brancos, de forma marginalizada, ou estereotipada, sem que haja referências a sua origem ou cultura, que acabam por serem esquecidas.

A esse respeito, Santos e Wielewiecki (2009) afirmam:

> A apresentação do negro na literatura desde o início foi apagado, é como se os negros, forçados a cruzar os mares como escravos, tivessem deixado na costa africana todos os seus sistemas, formas, elementos e práticas culturais e religiosas. […]
> O negro aparecerá novamente na literatura da segunda parte do século XIX, em especial de 1850 a 1888, porém ainda numa posição marginal na literatura […] (SANTOS; WIELEWIECKI, 2009, p. 343).

Entretanto, mesmo com a falta de prestígio dos negros dentro dos textos, "[…] textos sem maior representatividade literária, ainda que a serviço da causa abolicionista, por vezes dão voz ao negro […]" (FILHO, 2004, p. 165)

Com a “aparição” do negro no cenário literário brasileiro, volta-se a falar de como se dá sua visão estereotipada, com características animalescas (presente no naturalismo), tratando de forma, rude e grosseira, seus traços, cultura e sexualidade, ou melhor dizendo o tratando como objeto, sempre partindo para sua inferiorização na sociedade.

> O negro ou mestiço de negro erotizado, sensualíssimo, objeto sexual, […]. Ainda na galeria do estereótipo, que não tenho a pretensão de esgotar, vale assinalar a figura do negro exilado na cultura brasileira […]
> A prevalência da visão estereotipada permanece dominante, aliás, na literatura contemporânea, pelo menos até os anos 1960, quando começam a surgir, paralelamente, textos compromissados com a real dimensão da etnia. (FILHO, 2004, p.166).

Mesmo com a visão estereotipada e a marginalização do negro, a inserção do mesmo foi uma grande contribuição para sua representatividade dentro da literatura, trazendo afirmação da sua cultura, traços de sua origem e mostrando as condições em que vivia no Brasil.

> O sentido da literatura associa – se, assim, também em sentido amplo, aos movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social, ou seja, no espaço dos povos de África, seja no domínio da afrodiáspora e conduz, entre outros aspectos à preocupação com a singularização cultural mencionada.
> Tal preocupação ganha pertinência quando ultrapassa as dimensões epidérmicas e o corporativismo, e traz para a representatividade literária a

> afirmação de elementos que vão dos espaços míticos(resgate dos elementos que fazem parte da história do negro enquanto grupo étnico). (FILHO, 2004, p. 186).

A aceitação da personagem homossexual/homoerótica na literatura, não foi muito diferente da trajetória do negro, pela estigmatização e preconceito contra o mesmo. O processo de aceitação de autores, obras e personagens homoeróticas, ainda hoje está em um processo de construção, pois não é nada fácil mudar os padrões de aceitação em relação ao "outro", que foi construído ao longo dos séculos de uma sociedade patriarcal, machista e religiosa, que busca preservar os valores morais.

> […] a história da sexualidade ainda está em processo de construção, e autodefinição no campo da legitimidade institucional. Limitar-nos-emos […] sobre o tema gay e sua produção literária segundo uma perspectiva histórica […] discutindo com a problemática das relações homoeróticas emergem através de temas, comportamentos e personagens […] (SANTOS; WIELEWIECKI, 2009, p. 348).

A inserção da escrita de personagem homoerótica na literatura não surgiu apenas como forma de resistência, mas com o intuito de desmistificar vários campos dentro da sexualidade humana. Segundo Santos e Wielewiecki (2009):

> […] o levantamento histórico de alguns grupos oprimidos resgata a memória fundamental para se entender os processos identitários experimentados em cada grupo […] porém, que em sentido lato, tal levantamento deve ir, além de ressentimentos, mistificações de histórias de resistência, da opressão, e da repetição de estereótipos, produzidos por ideologias oficiais; no caso da literatura homoerótica, a misoginia, a homofobia, o heterossexismo, entre outros. (SANTOS; WIELEWIECKI, 2009, p. 348).

O personagem de figura estereotipada também se fará presente no homoerotismo, assim como na figura do negro na literatura, onde os personagens eram descritos com formas cômicas e sempre de alto-astral, como que não passasse de uma fantasia, a modo, que só existiam para divertir e entreter o leitor.

> […] segundo, Alexandrian (1994), os homossexuais[3] sempre foram representados, mesmo quando essa representação energia com as tintas do humor e da caricatura. A estereotipia era a marca central das personagens, reiterando – se, assim, a imagem que foi permeada até meados do século XX […] (ALEXANDRIAN, 1994, in SILVA, 2014, p. 62).

Como o homoerotismo é um tema relativamente novo no âmbito literário, muitos de seus autores que se dedicaram a essa escrita logo no seu início, foram marginalizados junto com suas obras, por tratarem da temática gay, que até hoje é um tabu dentro da sociedade.

> […] Essa tendência contemporânea de fazer emergir questões gays, lésbicas, queer, homoafetivas reacende velhas discussões em torno de parte da produção autoral de escritores que não foram devidamente valorizados em sua época e, subsequentes, por questões não de ordem estética (em alguns casos, sim), mas de ordem 'ética', moral, religiosa e cultural, configurando fonte de preconceito e discriminação a autores e obras que buscam refletir o tema do amor entre iguais […]. (SILVA, 2014, p. 63 e 64).

Os autores que atuam com a temática gay, consideram o homoerotismo como ponto crucial dentro do engajamento político e crítico literário, para que haja a defesa dos direitos, gays, lésbicas, e outros grupos, para que assim seja aberto um espaço dentro da literatura brasileira voltado para esse público e seus escritores.

j

> Essa exibição de títulos e de autores que é consideram a homoafetividade um ponto nodal dos atuais ou contemporâneos estudos literários, na interface com as tendências políticas de sujeitos e as tendências políticas de sujeitos e subjetividade, e também uma forma de escravidão chamar atenção para o fato de importantes críticos literários têm dedicado parte para atender a demanda homoafetiva no campo da literatura de ficção, especificamente a literatura brasileira. […]. (SILVA, 2014, p. 64).

Então, partindo dos fatos citados acima, é necessário que haja sim, uma luta para que assim produções com temas homoeróticos sejam de fato reconhecidos e valorizados, sendo que a mesma não se trata apenas de uma expressão, mas sim a representação do outro, mostrando que o mesmo tem valor e necessita de espaço na literatura, espaço esse que lhe é de direito.

> […] Percebemos a necessidade dessas reflexões para consolidar esse campo de estudo, na intenção de que os silêncios, os vazios e questões obscuras que sejam deprimidas, e essa produção/escrita, de temática bastante singular seja levada a sério como literatura, não como manifestação ou registro de pessoas homoafetivas que se apropriam do ato de escrever para relatar seu cotidiano (falacioso esse discurso que interpreta a voz gay na literatura de ficção). (SILVA, 2014, p. 69).

Contudo, se pode observar nos contextos históricos, sociais e literários que giram em torno das minorias, e que não foi fácil para se estabelecerem como literatura, mostrar que também tem importância, tanto, quanto as demais obras do cenário literário brasileiro, e até mesmo mundial, diante da crítica e a sociedade, por darem espaço ao que era "diferente", ao que causava estranhamento aos olhos.

> […] a problemática da literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais confunde – se com a problemática político – social desses grupos. É inegável que índios, negros e homossexuais são marginalizados em nossa sociedade. Seu conjunto de características causa estranheza nos meios letrados por ser visto como constituinte do "outro", aquele que não sou eu, com quem não me identifico. […] (SANTOS; WIELEWIECKI,2009, p. 350).

Assim, o que foi debatido sobre raça e sexualidade é possível entender o quão difícil foi, ou melhor, ainda é, ganhar espaço na literatura nacional para essas minorias, e até os dias de hoje se tem que lutar pelo reconhecimento de obras com essas temáticas, diante do cânone literário, pois não se trata apenas de uma causa literária, mas sim, política e social, já que representa muitos grupos sociais oprimidos diante da sociedade.

Capítulo III: Resistência Racial e Sexual no romance Bom-Crioulo

Após a verificação das considerações e estudos sobre resistência, raça e sexualidade na literatura, podemos analisar como esses conceitos podem ser aplicados ao romance e de que forma isso implica na resistência e representação do negro e do homossexual.

Na obra *Bom-Crioulo* (1985) de Adolfo Caminha foram analisadas possíveis manifestações de resistência presentes na obra, a partir do conceito de resistência proposto por Alfredo Bosi (2002), sendo que a narrativa se desenvolver em torno de Amaro, o seu protagonista, quando isso acontece, tem-se uma obra em que a resistência é um processo imanente à escrita. Para isso, deve-se ressaltar, como afirma Bosi:

> A escrita resistente (aquela operação que escolherá afinal, temas, situações, personagens) decorre de um *a priori* ético, um sentimento de bem e do mal, uma intenção do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e mentalidade dominante. (BOSI, 2002, p. 130).

A princípio é interessante citar a distinção racial que é feita no capítulo I, entre o negro e o branco, visando mostrar como ambas figuras são vistas e descritas dentro da obra, e por consequência, na sociedade. Mais adiante analisaremos a questão da resistência racial e sexual, partindo das configurações racistas e discriminatórias, tanto do narrador, quanto de outros personagens da obra.

> Outras bocas transmitindo a ordem técnica que surgiu, correndo, a figura exótica de um marinheiro negro, de olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo – se num vadio sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam – se linhas características de estupidez e subversência.
> […]
> Por fim, apareceu o comandante […]
> Era um homem robusto de feições e presença nobre, olhar enérgico, era muito moreno, desse moreno carregado, cor de bronze, que o sol imprimi nos homens do mar, bigode largo e compacto, levemente grisalho, com uma ponta de arrogância convencional. (CAMINHA, 2002, p. 15-16).

A partir desse trecho, pode-se perceber, a inferiorização do negro em relação ao branco, algo comum na literatura do século XIX, como discutem sobre a questão do negro na literatura, Santos e Wielewiecki (2009): "[…] O negro aparecerá na literatura na segunda parte do século XIX, em especial 1850 a 1888, porém ainda em uma posição marginal na literatura". (SANTOS; WIELEWIECKI, 2009, p. 342).

Com a demonstração evidente de racismo na obra, há trechos que tentam apaziguar essas ideias, como: “Não pense que, por ser branco, há de fazer das suas…” (CAMINHA, 2002, p. 20). Criando, a imagem que no ambiente militar todos são tratados de formas igualitárias, mas no decorrer da obra vê-se que isso não acontece, esse assunto envolto a aceitação racial, vem se aflorar no século XX, como comentam Santos e Wielewiecki (2009):

> No início do século XX, a questão racial criou certos mitos para amenizar os preconceitos aqui existentes. Um deles baseia – se na contemplação de uma democracia racial, ou seja, o ponto básico das discussões sobre miscigenação brasileira, resultado da mistura de raças branca, negra e índia, apregoava uma ideia errônea de harmonia social que não existia. (SANTOS; WIELEWIECKI, 2009, p. 343).

Além da marginalização do negro, encontramos na narrativa, a estereotipificação e objetificação do seu corpo, com uma sensualidade exacerbada que em nenhum momento se atribuiu a um personagem branco.

> […] Um lagatão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda geração decadente e enervada, e cuja presença ali naquela ocasião despertava interesse e viva curiosidade: era Amaro, gajeiro da proa, o Bom-Crioulo na gíria de bordo. (CAMINHA, 2002, p. 21).

Segundo Filho (2004), essa visão estereotipada e sexualizada era comum na construção do personagem negro na literatura e isso contribuía para degradação do negro na literatura. Pode-se ver mais uma cena da criação do estereótipo negro em: “[…] Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo essa sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos”. (CAMINHA, 2002, p. 22). Enquanto forma de aprisionamento social e cultural, o estereótipo petrifica as identidades em figurações de face úmida, ralas e carregadas de unicidades. Com isto, estabelece uma linha de continuidade entre construções propriamente literárias e um imaginário social eivado de preconceitos. (DUARTE, 2013, p. 147).

O narrador fala sobre Amaro, descrevendo-o de forma detalhada, tanto de forma física como psicológica, ele fará isso durante todo o "desenrolar” do enredo, mas não apenas de Amaro, mas de todos os personagens, de acordo com Bosi (2002) o narrador criará os enlaces, confrontos e discussões que ocorrerão na obra.

O ponto de tensão da narrativa, é a descoberta homossexualidade de Amaro, que se manifesta com a chegada de Aleixo e o início de sua amizade onde Amaro começa a vê-lo com outros olhos e passa a ser seu protetor incondicional:

> O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrava desapiedadamente um segunda-classe, porque ousara, "sem o seu consentimento", maltratar o grumete, Aleixo, um belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se "coisas".
> […]
> Depois estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeitíssimo! (CAMINHA, 2002, p. 22-23).

De acordo com Bosi (2002) a tensão é exigida entre o eu e o mundo, ou seja, no caso do romance essa tensão ocorrerá ente Amaro e suas crenças e ideologias de mundo. As manifestações de resistência racial começam a ser de forma explícita com a fuga de Amaro da "fazenda":

> Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom – Crioulo, então simplesmente Amaro, veio, ninguém sabe donde, metido em roupas de algodãozinho, numa trouxa ao ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru.
> Menor (teria dezoito anos), ignorando as dificuldades por que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e profundamente superficial como era a Corte-ingênuo e resoluto, abalou sem ao menos pensar nas consequências da fuga.
> Nesse tempo "negro fugido" aterrava as populações de um modo fantástico. Dava – se caça ao escravo como aos animais, de espora e garrucha, mato a dentro, saltando precipícios, atravessando rio a nado, galgando montanhas… Logo que era denunciado - aqui- del-rei! – enchiam-se as florestas de tropel, saíam estafetas pelo sertão num clamor de um estranho, medindo pegadas […] Além disso, o "proprietário" gratificada generosamente a quem prendesse o escravo.
> Conseguindo, porém, escapar à vigilância dos interessados, e depois curtir uma noite, a mais escura de sua vida, numa espécie de jaula com grades de ferro, Amaro, que só temia regressar à "fazenda", voltar ao seio da escravidão, […]. (CAMINHA, 2002, p. 24).

Sobre isso Bosi (2002) afirma: "Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu e dos valores do seu meio". (BOSI, 2002, p. 122).

A apresentação da liberdade após a fuga do escravo também permeia as relações de resistência, pois este que era oprimo/submisso, sem direitos, agora passará a ser livre.

> […] Ele, o escravo, “negro fugido” sentia – se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, Feliz de o ser, grande como a natureza, em toda a pujança viril da sua mocidade, e tinha pena, muita pena dos que ficavam na “fazenda” trabalhando, sem ganhar dinheiro, desde a madrugadinha té...sabe Deus!
> [...]
> A disciplina militar, com todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho da fazenda, ao regime terrível do tronco e do chicote. Havia muita diferença... Ali aí menos, na fortaleza, ele tinha uma maca, seu travesseiro, sua roupa limpa, e comia bem, a fartar, como qualquer pessoa[...]. (CAMINHA, 2002, p. 25).

Noções essas associadas à utopia, como pressupõe Tânia Sarmento-Pantoja (2010): “[...] a utopia implica a resistência, porque como um "bom lugar", o Melhor e do Bem, ou tempo diferente em relação ao que existe, se coloca substancialmente e sempre como possibilidade de desrealização (transcendência de uma dada realidade). (SARMENTO-PANTOJA, 2010, p. 53).

Voltando a tratar do preconceito na obra, vê-se que esse não surge apenas na visão do narrador, e sim dos outros personagens da obra, mesmo que estes não falem o que pensam de Amaro, mas de certa forma, o consideram inferior a eles, por sua cor.

> [...] Ali não se olhava a cor ou a raça do marinheiro: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias- o mesmo serviço, a mesma folga. [...]Não podiam eles, a princípio, conter o riso diante daquela figura[...] no fim de alguns meses, todos eram de parecer que “o negro dava para gente”. [...]. (CAMINHA, 2002, p. 26).

Ao retomar a questão do racismo e inferiorização do negro, percebe-se que mesmo existindo um código naval dizendo que todos devem ser tratados como iguais, na realidade isso não acontece, como comentam Santos e Wielewiecki (2009), sobre a “democracia racial”. Segundo Duarte (2013): “O preconceito e o racismo persistem como resíduos nefastos de uma estrutura social que, ultrapassado pelo processo histórico, busca sobrevivência na rede discursiva que fornece sustentação ideológica ao comportamento discriminatório.” (DUARTE, 2013, p. 148).

Na narrativa não se vê apenas a homossexualidade de Amaro que é tratada, mas também são citadas as suspeitas sobre o comandante e citados casos de outros oficiais aos quais não dados nomes, no entanto ambos os casos são tratados de formas diferentes:

> Bom-Crioulo conhecia-o de vista somente e ficara simpatizando imensamente com ele. Demais, o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso de se dizer que preferia um sexo a outro nas suas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que se inventam por aí... Ele, Bom-Crioulo, não tinha nada que ver com isso. Era uma questão à parte, que diabo! Ninguém estava livre de um vício. (CAMINHA, 2002, p. 29).

Observa-se que para Amaro, pouco importava as relações pessoais do comandante, no entanto, quando as suspeitas surgem em torno de Bom-Crioulo, as coisas passam a ser tratadas de maneira diferente, em: "O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno. Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-se-lhe bem no olhar certa prevenção de quem deseja surpreende em flagrante..." (CAMINHA, 2002, p. 30). Observar - se que as questões relacionadas aos brancos, escolhas, atitudes, entre outros, podem ser escondidas da sociedade, enquanto, em relação aos negros são necessários retaliações, castigos e julgamentos.

Partindo do fragmento:

> […] Bom- Crioulo, com todo seu abrutalhado, uma grande pinta de sangue no olho esquerdo, o rosto largo de um protagonismo evidente, não se incomodava com o juízo dos outros. – Não lho dissessem na cara, porque então o negócio era feio… A chibata fizera-se para o marinheiro: apanhar até morrer, como um animal teimoso, mas havia de mostrar o que é ser homem! (CAMINHA, 2002, p. 30)

> Sua amizade com o grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico de sua posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo e que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo naquele mesmo instante, como a força magnética de ímã. (CAMINHA, 2002, p. 30).

E de acordo com Bosi (2002) essa tensão e o ápice da resistência na escrita resistente (entre o "eu/e o mundo") que acontece de forma crítica. Podemos ver novamente esse aspecto de tensão em: "Era Bom-Crioulo, o negro Amaro, cujo espírito debatia-se, como um pássaro agonizante, em torno da idéia- o grumete Aleixo, que não o deixava pensar em outra coisa, que o torturava dolorosamente…- Maldita hora em que o pequeno

pusera os pés a bordo!" (CAMINHA, 2002, p. 33). Observa-se então, o conflito de Amaro consigo mesmo, porque ele sabia que aquele sentimento era impossível diante da sociedade, "contra sua natureza". (CAMINHA, 2002, p. 43). Então seria necessário que se manter a descrição para que nada o impedissem de realizar seus desejos:

> Haviam de morar juntos, num quarto da Rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubesse duas camas de ferro, ou mesmo só uma, larga, espaçosa…Ele, Bom-Crioulo, pagava tudo com seu soldo. Podia-se viver uma vida tranquila. Se continuassem no mesmo navio, não haveria coisa melhor; se porém, a sorte os separasse dava-se jeito. Nada é impossível debaixo do céu.
> -E não tem de dizer isto a ninguém, concluiu o negro. Caladinho: deixe estar que eu toco os paus… (CAMINHA, 2002, p. 37).

Pois segundo Silva (2014) esses personagens costumam atingir a sociedade em seus conceitos morais e religiosos, então tudo que "ameaça" atingir a moral e a "normalidade" serão estigmatizados. Porém mesmo com tudo contribuindo para o personagem desistir desse amor impossível, ele irá contra tudo e todos para satisfação seus ímpetos de desejos, sem se importar com as consequências, pois, "A resistência envolve memória, história, experiência e conjunto de princípios e valores de variadas ordens; aspectos esses que atuam nos cenários e sobre eles podem exercer forças críticas e transformativas". (SARMENTO-PANTOJA, 2010. 55). Revelando assim o que está por trás da sociedade, "revelando seu avesso; logo, o oposto discurso ideológico do homem médio". (BOSI, 2002, p. 130).

O ápice da tensão se concretiza, após a entrega total de Aleixo a Amaro.

> Depois de um silêncio cautelo e rápido, Bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve animo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios…; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade…
> Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se.
> E consumou-se o delito contra a natureza. (CAMINHA, 2002, p. 43).

Onde o narrador, propõem o ato sexual consumado, como algo errado, que talvez não deve se ter acontecido, que foge dos padrões morais e éticos, do que seja “aceitável”, para o que é “condenável”, pois ambos era de sexos diferente.

> [...] problematizar o desejo gay carrega consigo o teor particular, quase interno, que a singulariza sem, com isso, torná-la mais ou menos importante que toda a tradição literária desenvolvida e canonizada nas e pelas culturas, mesmo em suas comportamentalizações”. (SILVA, 2014, p. 67).

Após o ato consumado Amaro sentia - se pleno, jamais esqueceria do que passara na noite anterior, porém Aleixo parecia-lhe indiferente, também lembraria daquela noite, mas não com tanto entusiasmo que nem Amaro, podemos constatar em:

> Por outro lado estava tranqüilo porque a maior prova de amizade Aleixo tinha lhe dado a um simples aceno, a um simples olhar. Onde quer que estivessem haviam de se lembrar daquela noite fria dormida sob o mesmo lençol na proa da corveta, abraçados, como um casal de noivos em plena luxúria da primeira coabitação...
> Ao pensar nisso Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta… Agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres. (CAMINHA, 2002, p. 46).

Nesse fragmento é mencionada a palavra pederasta, que Silva (2014) explica ser a relação que vem desde a antiga Grécia, onde um homem mais velho, iniciava um adolescente na vida sexual, a quem lhe era confiada a educação, a fim de lhe transmitir sua sabedoria, e torná-lo homem, e lembrando desse princípio observa-se que isso ocorre de certa forma na relação de Amaro e Aleixo, o mais velho instruí o mais novo tanto nas relações afetivas como na vida em si.

No fragmento: “Escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda parte…E chamava-se isso de servir à pátria!”. (CAMINHA, 2002, p.47). Compreende-se que independentemente de onde estivesse, Amaro continuava a se sentir prisioneiro, talvez por sua cor ou condição social.

D. Carolina, a antagonista, desde que aparece na obra, se faz de dissimulada e ironiza a relação de ambos, supondo de forma implícita, porém carregada de ambiguidade, que os dois possam ter algo mais do que uma simples amizade, em:

> Bom-Crioulo começou a freqüentar o sobradinho onde iam outros marinheiros, e daí a grande amizade da portuguesa por ele, não que houvesse outra intenção: ela sabia que o negro não era homem para mulheres.
> […]
> Agora D. Carolina vais no arranjar um quartinho, mesmo que seja no sótão, rematou; mas um quartinho sem luxo, para quando viermos à terra.
> -Uma cama ou duas? perguntou sorrindo a quarentona. (CAMINHA, 2002, p. 52-53).

No trecho seguinte veremos a "aceitabilidade" de Aleixo em diante da condição que ele mantinha com Amaro, a conformidade do rapaz, que não amava Bom-Crioulo, mas apenas gostava das regalias que ele lhe dava, pensando até mesmo em consegui "algo melhor".

> […] o negro não lhe fazia muita falta: estimava-o, é verdade, mas aquilo não era sangria desatada que não acabasse nunca...
> Essa idéia penetrou-o com uma lembrança feliz, como um fluido esquisito que lhe inoculassem no sangue. -Podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado àquilo... O próprio Bom-Crioulo disseram que não se reparavam essas coisas no Rio de Janeiro. Sim, que podia ele esperar de Bom-Crioulo? Nada, e, no entanto, estava sacrificando a saúde, o corpo, a mocidade... Ora, não valia a pena! (CAMINHA, 2002, p. 63).

D. Carolina vem então se pôr na trama como vilã, pois intervirá na felicidade de Amaro, a princípio apenas por diversão, entretanto, com o decorrer da trama desenvolve uma paixão demasiada pelo pequeno, que é como ela o chama:

> A portuguesa desceu a escadinha do sótão, que estalava com o seu peso, e foi acender o gás da sala de jantar, muito alegre, cantando uma modinha sentimental lá da terra, numa voz lânguida e tremida.
> Há dias metera-se-lhe na cabeça uma extravagância: conquistar o Aleixo, o bonitinho, toma-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente, dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçados, almoço e jantar nos dias de folga dando-lhe tudo enfim.
> Era uma esquisitice como qualquer outra: estava cansada de aturar marmanjos. Queria agora experimentar um meninote, um criançola sem barba, que lhe fizesse todas as vontades. Nenhum melhor que Aleixo, cuja beleza impressionara-a desde a primeira vez que se tinham visto. Aleixo estava mesmo a calhar: bonito, forte, virgem talvez… (CAMINHA, 2002, p. 65).

A noção de felicidade, utopia mencionada por Tânia Sarmento-Pantoja (2010), já se distancia da obra diante do sentimento vivido pelo personagem. Já que a Marinha

começa a ser uma prisão para ele. “Bom-Crioulo não estava satisfeito no couraçado, naquela formidável prisão de aço, que lhe consumia o tempo, e cuja disciplina um horror de trabalho privava-o de ir à terra hoje sim, amanhã não, como nos outros navios”. (CAMINHA, 2002, p.70). A revolta do negro contra seus superiores pode ser constatada em:

> Bom-Crioulo retirou-se calado, o olhar no convés, mordiscando o beiço. Ia cheio de uma cólera muda, jurando vingança talvez…-Ah! era assim? Calculava ele depois, na proa. Havia de mostrar… (CAMINHA, 2002, p. 71,72-73)

Resistindo o seu eu, contra os valores e antivalores, (BOSI, 2002), mas uma prova dessa resistência pode ser vista em: “Vou porque quero, porque sou livre!” (CAMINHA, 2002, p. 76). Se pode ver sua resistência também durante um castigo após sua fuga, “Ele sofria tudo com aquele orgulho de animal selvagem ferido, que se não pode vingar porque estar preso, e que a morte sem gemido, com o olhar acesso em cólera impotente!” (CAMINHA, 2002, p. 82). Resistindo assim, contra seus opressores, não mostrando sua dor, não se mostrando fraco, pelo contrário mostrando ser mais forte do que nunca.

Se nota que os desejos sexuais de Amaro, são atribuídos a sua raça, então além do negro ser tratado como objeto sexual, como diz Silva (2014). Seus desejos também eram reprimidos e julgados, tratando os assim, como profanos, imorais, por sua origem.

> O Bom-Crioulo da corveta, sensual e urbanista, cheio de desejos inconfessáveis, perseguido um aprendiz de marinheiro como quem fareja uma rapariga em estréia na libertinagem, o Bom-Crioulo erotômano da Rua da Misericórdia, caindo em êxtase perante um efebo nu, como um selvagem do Zanzibar diante de um ídolo sagrado pelo fetichismo africano[...] (CAMINHA, 2002, p. 89).

Mas a realidade, era que além do desejo da carne, Amaro amava Aleixo, e isso lhe fazia sofrer, criar expectativas, que não sabia se algum dia poderia concretizar-se.

> Aleixo o fazia - o padecer noites inteiras, dois sucessivos, como ave que se debate em estreita gaiola de ferro. -Amava muito, decerto, um bem louco ao pequeno, preferia - o a todas as mulheres bonitas do mundo!" (CAMINHA, 2002, p. 90).

O antagonismo de D. Carolina se destaca pelo seu desejo de além de “tomar Aleixo para si.” (CAMINHA, 2002, p. 65). Criando até mesmo um desprezo por Amaro,

não só por sua cor, mas pelo seu relacionamento com o pequeno (Aleixo), o que acaba gerando ofensas racistas sobre o negro.

> -E não é que o tal de Bom-Crioulo ainda se lembrava de Aleixo! Grandessíssimo pederasta! Nunca supusera que uma paixão amorosa de homem a homem fosse tão duradoura, tão persistente! E logo um negro, Senhor Bom - Jesus, logo um crioulo moral e repugnante daquele. […]
> […] D. Carolina não queria dizer a verdade, os seus escrúpulos com relação a Bom-Crioulo, o caso do bilhete. Para que sobressaltar o Aleixo? Ele bem sabia que o outro não o abandonava facilmente: negro e raça do diabo, raça maldita, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer… […] (CAMINHA, 2002, p. 98-99).

Quando o amor de Amaro se torna o desejo doentio de ter o grumete para si, o seu amor é convertido em desejo de posse e vingança, acreditando que o jovem é culpado de toda desgraça que lhe acontecera.

> Não lhe restava mais esperança que Aleixo fosse vê-lo no hospital: estava desiludido. O grumete abandonara-o, esquecera-o, nem ao menos dera-lhe satisfação! -Atrás dos apedrejados, vêm as pedras… Uma pessoa, no fim das contas, era obrigada a tornar – se ruim, a fazer loucuras… (CAMINHA, 2002, p. 104).

> Aquilo fazia com que se revolta – se ao se sentir novamente rejeitado e sozinho no mundo, já que a única pessoa que ele lhe acreditava ter afeto lhe abandonou.
> Bom-Crioulo sentia se mais do que nunca abandonado, mais do que nunca lhe doía fundo o desprezo do grumete, esse desprezo calculado, proposital, voluntário, com que Aleixo o esmagava, o ludibriava impunemente. "-Ah! era assim, hein? Pois havia de lhe pagar hoje ou amanhã. (CAMINHA, 2002, p. 114).

Após a descoberta da traição de Aleixo e D. Carolina, os quais ele depositara tamanha confiança, Amaro ficou transtornado e acabou por não se controlar e cometer uma loucura.

> O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes, garganteou um- oh! rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou - se, numa vertigem de seta, para a rua. Não via nada, não enxergava nada, tresvariando, como se de repente lhe houvesse fugido a luz dos olhos e a razão do cérebro. Precipitou – se, e, esbarrando com o grumete, fitou - o pelo braço. (CAMINHA, 2002, p. 116).

Mesmo com o que tinha feito, naquele trágico final sua presença pouco importava, mostrando assim, que até mesmo no momento do desfecho do conflito de uma forma trágica, o negro passa despercebido pela sociedade, como se ali não tivesse espaço para ele, assim como na literatura.

> A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível ânsia! Ninguém se importava com o "outro", com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, queriam "ver o cadáver", analisar o ferimento, meter o nariz na chaga… (CAMINHA, 2002, p. 118).

Com a leitura dos textos e a elaboração da análise, foi possível constatar várias passagens, na obra, que apresentam as questões raciais e sexuais de forma estigmatizada, sendo justificada por vários aspectos, como, a época em que a obra foi publicada, um período muito tangenciado por valores sociais e religiosos, e a falta de respeito com os negros considerados inferiores, e por isso deviam ser subordinados a raça branca, a intolerância, e os tabus acerca sexualidade, desejos ocultos, o relacionamento homossexual considerado impuro à natureza humana, assim como as próprias características naturalistas que buscavam esses temas com intuito de provocar o leitor, a fim de mostrar que aquilo tudo existia mais que geralmente era encoberto. Ao mesmo tempo, a obra apresenta aspectos de resistência, por apresentar um personagem principal negro que possui um cargo na marinha, em uma época que o negro pouco aparecia na literatura, quebra os padrões e tabus morais inaceitáveis pela sociedade da época e impõe sua sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Remetendo as questões abordadas sobre resistência, raça e sexualidade, percebe se que o romance que foi analisado, talvez não foi escrito com a finalidade de apontar para essas vertentes, entretanto, as mesmas se destacaram por todo um contexto de produção que o autor, obra, e época proporcionam. Na obra, sobre os assuntos sobre raça e sexualidade, são criados estereótipos bastante visíveis do personagem que podem ser registrado em vários momentos dentro da narrativa, mesmo que isso não seja um ponto positivo, é apresentado na obra um personagem até então que foi rechaçado pela literatura e pela sociedade, sendo destacando como principal, estimulando sua representatividade.

Durante a realização desta pesquisa, foi possível constatar no romance, que além de sua escrita trazer os fragmentos da escola a qual o autor fazia parte, o naturalismo, e com alguns traços do realismo, e do determinismo, realçando assim, as mazelas e estereótipos sociais. Foi possível perceber que o período histórico e político no qual o romance foi publicado contribuíram para a questão da resistência e representação dos temas que essa pesquisa aborda, raça e sexualidade. Após leitura e analise do romance Bom-Crioulo de Adolfo Caminha, e as leituras feitas em torno dos conceitos de resistência, foram constatados vários indícios da presença da resistência na construção da narrativa, pois como postula Sarmento- Pantoja (2010), a resistência deve ser tratada na construção da narrativa de forma crítica, ou seja, não deve ser apenas um tema oriundo, que desperte uma discussão. (SARMENTO-PANTOJA, 2010, p. 51).

Todas essas discussões críticas, acabam por instigar a representatividade da raça e sexualidade na literatura, tanto do negro quanto do homoafetivo, lhes dando destaque, voz e até mesmo empoderamento, mesmo que essa não fosse a intenção do texto.

Então, além de destacarmos uma escrita resistente, não podemos deixar despercebidos os vestígios de uma tessitura baseada em uma sociedade, racista, preconceituosa e com falsos valores morais, a exaltação das perversões sexuais atribuídas a raça negra, pautadas na realização do desejo reprimidos do ser humano, onde o homem acaba se tornando aquilo que o meio o instruí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. **Adolfo Caminha Um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Coleção PROPG Digital-UNESP). ISBN 9788579830334. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109122>. Acesso em: 28 Jan. 2017.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura**. 2. ed. Cultrix Ltda. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4763476.pdf> Acesso em: 08 Mar. de 2017.

_____. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. Versão para e Book. Domínio Público. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/bomcrioulo.pdf>. Acesso em: 28 Jan. 2017.

DUARTE, E. de Assis. O negro na literatura brasileira. In: **Navegações**, v. 6, n2, p.146-153, 2013. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br/fadir/ojs/index.php/navegacoes/article/download/.../10936> Acesso em: 16 Mar. 2017.

FILHO, D. Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Estudos Avançados** 18(50), 2004. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017> Acesso em: 22 Set. 2016.

GANCHO, Cândida, Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. Disponível em: <http://server1.docfoc.com/uploads/Z2016/01/08/zl3Fp5jsvI/a7edc6ae7da74ebdef38268ed893d5f4.pdf> Acesso em: 20 Fev. 2017.

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Org. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. -2.ed. ver. E aum.- Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HOUWES, R. Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha. **Graphos Revista da Pós-Graduação em Letras** - UFPB João Pessoa, Vol. 7. N. 2/1, 2005 – p. 171-190, 2005. ISSN 1516-1536. Disponível em: < periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/9459/5112> Acesso em: 22 de Set. 2016.

LEITE, Simonara B; ANDRÉ, Marli E. D. A. A aprendizagem da subordinação e da resistência no cotidiano escolar. **Perspectiva,** Florianópolis, v. 3, n. 6, jan./jun. 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8559> Acesso em: 20 Mar. 2017.

LORENZ, F. Resistências. Trad. ALMEIDA, Carlos Henrique Lopes. In: **Memória e resistência, percursos, histórias e identidades.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012. Disponível em: < periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/download/2669/2803 > Acesso em: 22 Fev. 2017.

MENDES, L. O romance republicano: Naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90. **Letras e Letras.** Uberlândia 24(2) 189-207, Jul./Dez. 2008. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/25403/14117> Acesso em: 22 Fev. 2017.

MENDES, L. O crítico Adolfo Caminha e as batalhas pelo reconhecimento literário. **Revista Fronteira Z.** São Paulo, n. 8, julho de 2012. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistafronteiraz/download/pdf/Artigo20-LeonradoMendes-versaofinal.pdf> Acesso em: 29 Jan. 2017.

MOISÉS, M. **A análise Literária**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

QUEIROZ, I Lacerda**. Literatura, sexualidade e raça: análise da obra "Bom-Crioulo" de Adolfo Caminha**, 2012. 46 p. Graduação em História. UEG-Universidade Estadual de Goiás. UnU Jussara. Disponível em:< www.cdn.ueg.br/arquivos/jussara/.../Monografia_Irislandia_Lacerda_Queiroz.pdf> Acesso em: 22 de Set. 2016.

REIS, C; LOPES, A. C. M. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Almedina, 1987.

SANTOS, C.R. dos; WIELEWICKI. V. H, Gomes. **Literatura de autoria de minorias éticas e sexuais.** Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas/Org. Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3 ed. rev. e ampl. - Maringá: Eduem, 2009. 406. P.il. ISBN: (978-85-7628-162-7).

SARMENTO-PANTOJA, A. Literatura e arte de resistência. In: Sarmento-Pantoja, Augusto. / Umbach, Rosani Ketzer/ Sarmento-Pantoja, Tânia. (Org.). **Estudos de Literatura e Resistência.** Campinas (SP): Pontes Editores, 2014.

SARMENTO-PANTOJA, T. A razão resistente em perspectiva estética: apontamentos. In: Sarmento-Pantoja, Tânia; Ribeiro, Joyce Otânia Seixas. (Org.). **Multiplicidades do discurso.** Belém: Açai, 2010.

SILVA, A. de Pádua Dias da. A Literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. In: **Acta Scientiarum,** 2014. ISSN. On-line: 1983-4683. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/20568> Acesso em: 11 Mar. 2017.